

PESQUISADORES BRASILEIROS REALIZARAM I CONGRESSO ABEP/OCBS EM OXFORD



Foto: Alessandra Devito da Cunha

“Celebrating Brazilian Research in the UK” foi o título do I Congresso ABEP/OCBS, organizado pela ABEP, contando com o apoio do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford, que aconteceu no dia 19 de março, em Oxford.

A mesa de abertura do evento foi composta por Dr Jailson Correia (ABEP) e Professor Leslie Bethel (Oxford Centre for Brazilian Studies). Jailson Correia traçou um breve relato da história da ABEP nos seus 24 anos de existência, agradecendo o apoio dado pelo Centro de Estudos Brasileiros, bem como o empenho na parceria para a realização do congresso. Professor Leslie Bethel enfatizou sua satisfação pela parceria mencionada e ratificou a importância do evento para a comunidade acadêmica brasileira no Reino Unido.

A palestra “Brazilian Foreign Policy” foi proferida pelo Embaixador do Brasil no Reino Unido, José Bustani, que relatou as linhas gerais da política externa do governo brasileiro.

Os trabalhos da manhã foram encerrados com uma mesa redonda intitulada “O que espera e o que é esperado dos estudantes de pós-graduação no retorno para o Brasil? Do financiamento à pesquisa ao mercado de trabalho”, presidida pelo Dr. Sérgio Aquino (ABEP) e composta pelo Dr. Paulo Wrobel, chefe do setor de Ciência e Tecnologia da Embaixada Brasileira e pela Dra. Denise Neddermeyer, Coordenadora Geral de Programas no Exterior da CAPES.

Os painéis de trabalhos apresentados ficaram expostos durante todo o dia do evento, e o público do congresso teve a oportunidade de interagir com os autores em horários reservados exclusivamente para isso.

A parte da tarde do congresso foi dedicada à exposição dos mais de 80 trabalhos apresentados, tanto no formato de painéis como em sessões paralelas, nas quatro grandes áreas: Artes e Humanidades; Ciências Sociais; Ciências Biológicas e da Saúde e Matemática, Física e Engenharia.

No encerramento foram entregues prêmios para os melhores trabalhos em cada categoria. Os premiados foram: Adriene Tacla, Thais Diniz, Larissa Chermont, Catarina Gadelha, Simone Pereira, William Rauen, Christiano de Matos e Alex Ferreira.

“Acredito ser uma excelente maneira de integrar os pesquisadores e estudantes brasileiros no Reino Unido, desenvolver o senso de profissionalismo e contribuir para a internacionalização da pesquisa e ciência brasileira. Quanto à mesa da qual participei, fiquei muito satisfeito de poder contribuir para o debate sobre o papel dos jovens pesquisadores e cientistas brasileiros e discutir as oportunidades de ingresso no mercado de trabalho”
(Dr. Paulo Wrobel Conselheiro em Ciência e Tecnologia – Embaixada do Brasil em Londres)

[Larissa Chermont – Economista – Doutoranda da London School of Economics](#)

Para ver as fotos do I CONGRESSO ABEP/OCBS em Oxford: www.abep.org.uk/congresso/fotos.html
Para ver o resumo dos trabalhos apresentados: www.abep.org.uk/congresso/congresso_relatorio.htm

PODE-SE DIZER QUE FOMOS OUSADOS

É primavera nas Ilhas Britânicas. Bem, ao menos *em tese*. Embora não se possa apostar no clima para o churrasco do domingo, os ‘*daffodils*’ nos parques nos dizem que o ciclo sazonal está completo e que, como na diretoria da ABEP, é tempo de renovação.

Tempo também de lançar um olhar sobre o ano que se passou, relembrar as brisas e tempestades e avaliar onde o nosso barco foi parar ao fim deste trecho da jornada. Queria dizer que é tempo de olhar a bússola e as estrelas para ver para onde nos movemos, mas embora bússolas e estrelas sejam mais poéticas, vivemos mesmo na era do GPS¹ por satélite. Que seja! Hoje estamos numa posição algo diferente daquela em que iniciamos a gestão. Espero (aliás, acredito), que tenhamos avançado um pouco na direção de uma Associação mais forte, mais representativa, mais respeitada por nossos interlocutores, mais democrática e ainda ciente de sua responsabilidade social.

Claro, minha opinião talvez seja enviesada demais para ter valor, mas acho que a história da ABEP dirá que este foi um ano importante. Várias gestões anteriores também deram significativas contribuições e, obviamente, se pudemos avançar é porque havia bons alicerces. Mas em maio de 2003 o ‘risco gestão’ era alto. A começar por uma barreira de 1748 Km entre os vários diretores (esta é a soma das distâncias entre Londres e Liverpool, Newcastle, Durham, Birmingham, Harpenden, Hertshire, Bath e Surrey). Para superar as distâncias, realizamos várias reuniões virtuais em salas de bate-papo e mantivemos uma intensa atividade na lista de discussões da diretoria. A dispersão geográfica que era um desafio (inclusive no quesito de custo operacional) acabou tornando-se um grande trunfo pois pudemos expandir a atuação da ABEP para áreas antes sub-representadas e ainda pudemos consolidar uma gestão democrática, horizontal, descentralizada, com divisão de tarefas e poderes. Isto só foi possível por haver um espírito de equipe e um grupo de diretores altamente motivados. Vale a pena citar alguns avanços aqui.

Eventos: destaques para os dois memoráveis Cafés-Brasil, em Bath e Newcastle e para o I Congresso ABEP / Centro de Estudos Brasileiros, em Oxford, cuja proposta, formato, diretrizes e resultados certamente influenciarão eventos futuros. Colaboramos ainda na recepção aos novos bolsistas na residência do Embaixador Bustani e na reunião de ‘diálogos’ com o educador e Senador Cristovam Buarque, em Londres.

Representatividade: o grande destaque foi a longa, trabalhosa, mas vitoriosa campanha pelas ‘Libras-Já’, que possibilitou a reversão de uma perda de quase 20% no poder de compra dos bolsistas da CAPES. O seu sucesso de certa forma ofusca outras iniciativas, como a campanha contra a cobrança de taxas para renovação de vistos: conseguimos por exemplo que o CNPq e a CAPES alterassem o teor de suas cartas aos novos bolsistas contribuindo para que estes obtenham visto por 4 anos.

Encaminhamos ainda várias questões de interesse dos associados, inclusive quando em dificuldades específicas individuais. Estivemos presentes desde o princípio na iniciativa Diálogo Brasil, da Embaixada Brasileira e ocupamos o assento da ABEP no Conselho de Cidadãos do Consulado. Também articulamos a construção coletiva, via lista, do documento sobre a reforma universitária, cujo processo está em curso, numa iniciativa coerente com a responsabilidade social e de defesa de nossos interesses. Voltando à campanha ‘Libras Já, Euros Já’, há ainda que se dizer de outros frutos importantes. Além do respeito institucional (precioso capital político) das agências de fomento, construímos uma cooperação talvez sem precedentes com a APEB França e outras associações mundo afora, culminando com a criação da Federação das Associações de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros no Exterior (FAPEBE), da qual somos co-fundadores. Talvez como resultado natural destes avanços, somado à intensa campanha de filiações, tenhamos atingido um número recorde de associados pagantes.

Comunicação: destaques para a grande reformulação visual e de conteúdo da página da ABEP, incluindo a publicação *on-line* das contas, elaboração de duas edições deste *Jornal*, a publicação durante o Congresso do livro *Research Abstracts 2004* (equivalente à segunda edição do livro de resumos) e ainda a manutenção da lista geral da ABEP aberta e participativa.

Desafios: tivemos um ano intenso, muitas coisas aconteceram, muitas pessoas de dentro e fora da diretoria contribuíram imensamente, mas ainda há pendências e muitos desafios a superar. Parafrazeando (sem alinharme!) recente campanha ‘se muito foi feito, ainda há muito a fazer’. Precisamos manter as páginas na Internet atualizadas, a lista democrática, aberta e de alto nível, o *Jornal* vivo e relevante, continuar ocupando todos os espaços de representação com responsabilidade e ainda encaminhar demandas como quotas de bagagem, agilização da validação do diploma, uma agenda própria para os pesquisadores, para os bolsistas do CNPq, de outras agências, dos mestrandos e doutorandos ‘sanduíche’ e – claro – dos ‘sem bolsa’, buscando aumentar o número de associados, além de ajudar a construir a FAPEBE, para citar alguns pontos. Parece muito? Nada que o esforço coletivo de todos os associados sob a liderança de um grupo de pessoas articuladas e dispostas a emprestar um pouco do seu tempo e talento para a próxima diretoria não possam cumprir e – melhor – superar. O processo eleitoral já teve início, está feito o chamamento. Contamos com você, pois ousar ainda é preciso.

[Jailson B. Correia](#)
[Presidente da ABEP](#)
[Doutorando em Medicina, Universidade de Liverpool](#)

¹ Global Positioning System

CAFÉ BRASIL

Os debates conhecidos como Café Brasil foram criados em 2000 com a finalidade de congregar os pesquisadores brasileiros no Reino Unido. O objetivo final é alimentar a discussão de temas polêmicos que são debatidos pelos próprios pesquisadores. Até o momento já foram realizados 10 eventos em locais diferentes do Reino Unido sendo que os dois mais recentes ocorreram no dia 30/08/2003. No encontro foi discutido o tema “**Transgênicos: alimentos do futuro ou fonte de problemas?**” com os debatedores Joana Santos (Newcastle) e Vitor B. Pinheiro (Cambridge). Os resumos das idéias de cada debatedor estão ilustrados nos textos a seguir.

Tecnologia OGM: fatos e argumentos contra!

A biotecnologia e a criação de organismos geneticamente modificados é uma área em expansão e que está causando muita preocupação. A tecnologia GM consiste na inserção de um gene estrangeiro numa planta de modo a conferir-lhe determinadas características. Por exemplo, conferir resistência ao frio numa planta de tomate inserindo um gene de um peixe. É um tipo de transferência que quebra barreiras entre espécies e que não acontece naturalmente na natureza.

A tecnologia GM invadiu o mercado na última década. Em 1994 não existiam organismos GM cultivados em nenhuma parte do mundo mas em 1997, 12 milhões de hectares de culturas GM foram cultivados, sobretudo nos Estados Unidos da América (um quarto de todo o algodão, 14% soja e 10% de milho).

Um dos principais argumentos para o uso da tecnologia GM é o de acabar com a fome no mundo. A fome é realmente um problema muito grave que afeta muita gente, mas a questão não é falta de alimentos mas má distribuição dos mesmos. Países designados “desenvolvidos”, com menor população, produzem em excesso, enquanto que países denominados “em vias de desenvolvimento” têm um déficit de produção ou então produzem para exportação, ficando o povo local sem acesso a comida.

“Se toda a comida produzida no mundo fosse igualmente distribuída pelos seus habitantes, cada homem, mulher e criança teria à sua disposição 2760 kilocalorias por dia.” (Jacques Diouf, director geral da FAO).

Outro dos falsos argumentos a favor da tecnologia OGM é o de ajudar os países em vias de desenvolvimento a desenvolver a sua economia. Ora, a tecnologia OGM tem sido desenvolvida em países desenvolvidos e para os agricultores de grande escala desses países. Ou seja, é preciso ter poder económico para comprar tecnologia OGM. A indústria biotecnológica não está interessada em “ajudar” ninguém mas sim criar dependência.

Problemas médicos são também argumento para o uso de organismos geneticamente modificados. Por exemplo, mais de 250 milhões de pessoas em todo o mundo correm o risco de ficarem cegos devido à deficiência em vitamina A. Existe uma variedade de arroz geneticamente modificado (“Golden Rice”) que eventualmente poderia combater a cegueira pois foi-lhe introduzido um gene que produz beta-carotenos. Vitamina A é produzida quando este pigmento é absorvido pelo corpo humano. A grande questão é saber se na prática isto seria mesmo benéfico, se não teria efeitos secundários e se não existe um outro recurso mais razoável para superar este problema. Há

muita falta de evidência e de estudos científicos para apoiar este tipo de solução.

A tecnologia OGM é também uma tecnologia repleta de riscos. Nós não temos controle total sobre esta tecnologia! A transferência de genes pode não ocorrer da forma esperada e características não desejadas serem inseridas. Pode também ocorrer mudança no local de expressão de genes. Por exemplo, numa variedade OGM de batata, foi introduzido um gene que induzia a produção de um toxina nas folhas da cultura de modo a fornecer resistência a ataques por determinados insetos. Esse gene acabou por passar a ter expressão também nos tubérculos, produzindo as mesmas toxinas e originando um problema de toxicidade para a saúde humana e animal.

Outro problema de toxicidade em saúde pública ocorreu com uma variedade de milho OGM designado “Starlink”. Também aqui, foi inserido um gene para conferir resistência a uma praga (uma lagarta que ataca as raízes do milho). Esse inserção mostrou-se prejudicial à saúde humana pois reações alérgicas ao produto foram observadas! A comercialização do milho Starlink foi imediatamente suspensa para consumo humano e ficou apenas legislado para consumo animal. Porém caiu no esquecimento o pormenor de que os seres humanos também se alimentam de carne, e as reações alérgicas permaneceram. O milho Starlink foi então retirado definitivamente do mercado.

Os organismos OGM podem também criar problemas de resistência a antibióticos nos animais e seres humanos. Genes resistentes a antibióticos são por vezes usados em transferência genética. Se as bactérias que vivem no nosso organismo adquirirem esse ADN, elas podem tornar-se resistentes aos antibióticos! Isto significa que ao ficarmos doentes por infecção bacteriana, o nosso organismo vai deixar de responder positivamente aos antibióticos receitados pelo médico. Ou seja, uma simples infecção pode tornar-se num grande pesadelo!

Poluição ambiental é outra das consequências dos organismos OGM. Ainda referindo-se ao caso do milho Starlink, depois de ter sido apenas cultivado nos Estados Unidos da América numa área de 0.4% da área total de milho, apareceu em cerca de 10% de todos os lotes de milho testado. O transgene apareceu mais tarde noutras 80 variedades de milho e também noutros países como foi o caso do México, onde o cultivo OGM era proibido. Mais uma vez nos deparamos com uma situação de perda de controle sobre a tecnologia OGM. As barreiras de distância impostas entre campos OGM não funcionam. O pólen das plantas pode viajar até 180 km!!!

Poluição ambiental é também causada com o uso de plantas geneticamente modificadas para resistência à herbicidas. O uso de plantas OGM resistentes a herbicidas faz com que os cuidados com a aplicação do mesmo sejam reduzidos pelo facto da planta não sofrer toxicidade. Pode aplicar-se mais herbicida e mais vezes.

Este facto deu origem às chamadas “super-infestantes” devido a posterior resistência induzida nas próprias plantas vizinhas. Aumentou-se também o risco da contaminação dos lençóis de água, a destruição da fauna e de organismos úteis (joaninhas, abelhas, etc).

Por fim, é importante nunca esquecer o impacto sócio-económico que esta tecnologia poderá vir a ter.

A dependência dos agricultores para com a indústria de biotecnologia poderá tornar-se irreversível. As sementes são vendidas com contratos que impedem o agricultor de multiplicar a sua própria semente ou de comprar qualquer

herbicida de outras indústrias. Está a gerar-se um novo monopólio das grandes corporações. Não existe nenhum seguro que cubra efeitos nefastos ou consequências.

Está a criar-se um desequilíbrio muito grande na natureza tentando-se encontrar soluções para problemas criando-se mais problemas ainda. Apesar de criados pelo ser humano, os organismos geneticamente modificados têm quebrado barreiras que até então o homem afirmava controlar. Quando perdermos o controle total sobre esta tecnologia, não será mais possível recuar no tempo... mas ainda há tempo para se tomar um rumo melhor.

“Deus perdoa sempre. O Homem perdoa às vezes. A Natureza nunca perdoa!”

[Joana Santos é de Portugal, Eng. Agrônoma e atualmente faz doutorado na Universidade Newcastle](#)

Informação, desinformação e ‘misinformação’

Toda e qualquer tecnologia que pode trazer bem à humanidade, pode também ser mal utilizada, portanto, numa discussão, é essencial entendê-la. Conseqüentemente, quando discute-se transgênicos, é imprescindível o conhecimento básico de manipulação genética e suas limitações. Outro ponto vital em tal discussão é o de separar a tecnologia, do capital e do marketing.

O DNA (ácido deoxirribonucléico), a base da vida na Terra, é um polímero orgânico capaz de armazenar e reproduzir informação devido a sua direcionalidade, a sua paridade e à variedade de monômeros disponíveis: G, C, A e T. Num contexto apropriado, um pedaço de DNA (contendo a informação apropriada, i.e. um gene) pode ser traduzido para uma molécula intermediária (RNA mensageiro) que no contexto correto pode, por sua vez, ser traduzida para uma proteína. Todas as reações químicas que ocorrem em todas as células vivas dependem de proteínas e de suas interações.

Organismos geneticamente modificados (transgênicos) são então organismos onde o ser humano interveio para alterar um ou mais genes, ou o contexto onde os genes se encontram, de forma a introduzir, remover ou alterar o funcionamento de alguma proteína. Com isso em mente, é importantíssimo frisar que genes diferentes geram proteínas diferentes e portanto, transgênicos diferentes têm de ser analisados separadamente. Por exemplo: a soja Round-Up Ready usa a mesma tecnologia que o algodão Round-Up Ready mas que é completamente diferente da tecnologia usada no algodão Bt. A limitação da tecnologia encontra-se no fato das proteínas interagirem, portanto, ao alterar um gene não se altera somente uma proteína mas potencialmente todo o sistema. Isso é tido como o maior risco da tecnologia e desde o início tem sido estudado, cada vez com sistemas mais completos e sensíveis, na medida que passamos a entender melhor todas as conseqüências da tecnologia.

Além de um conhecimento básico de engenharia genética, é vital uma fonte de dados independente, imparcial, atual e confiável para se começar uma discussão sobre transgênicos. Infelizmente, nem a mídia nem algumas companhias de biotecnologia que trabalham com transgênicos parecem ser fontes confiáveis para a informação. Publicações científicas (“peer-reviewed”), fontes mais confiáveis, são escassas por causa do

potencial financeiro da tecnologia e como resultado, há dúvidas. Especulação, às vezes utilizada em campanhas publicitárias, mascara a linha dos fatos e aumenta as dúvidas. Como resultado, é difícil discutir transgênicos sem associá-los ao marketing utilizado para vendê-los ou algumas companhias.

Uma classe de organismos geralmente ignorados quando discute-se transgênicos são as bactérias. Estes foram os primeiros organismos a serem deliberadamente manipulados pelo homem em sua constituição genética e após quase três décadas de pesquisa, há frutos que justificam a tecnologia. Hoje, praticamente todas as ferramentas disponíveis de biologia molecular foram isoladas de bactérias e através da engenharia genética são produzidas em quantidades que viabilizam pesquisa e aplicação. Um uso para tais ferramentas está na detecção e diagnose de doenças microbianas (vírus, bactérias e fungos) e no estudo de predisposições genéticas que podem levar ao câncer.

Outro exemplo claro onde bactérias transgênicas são bem utilizadas é na produção de insulina humana. O único tratamento disponível para alguns tipos de diabetes é o tratamento por injeção de insulina diretamente na corrente sanguínea até quatro vezes ao dia. Antes do uso de bactérias transgênicas, insulina era obtida por extração direta do gado bovino e porcino. Conseqüentemente, a insulina podia estar contaminada, por não ser idêntica a humana, o paciente poderia reagir mal a insulina e por fim, era cara. O uso de bactérias transgênicas mudou isso: hoje, insulina humana é produzida em bactérias, com risco de contaminação mais baixo e por uma fração do preço anterior.

Nas plantas, os desafios são maiores – inserção de genes e controle de expressão são mais complexos, o impacto ecológico é maior – mas os benefícios também são maiores. Infelizmente, muito dos recursos disponíveis para pesquisa de plantas transgênicas são utilizados no desenvolvimento de plantas de valor comercial que nem sempre beneficiam a quem a tecnologia mais poderia ajudar; ao pequeno produtor com recursos limitados em local desfavorecido. A engenharia genética é capaz de produzir plantas mais resistentes à seca e à geada, plantas mais ricas em nutrientes e que podem ser utilizadas para descontaminar o solo.

Hoje, há dois principais sistemas de transgênicos para plantas: o Roundup Ready (RR) produzido pela Monsanto, e o *Bacillus thuringiensis* (Bt) produzido por várias companhias, entre elas Bayer e Aventis. O sistema RR baseia-se numa enzima (EPSPS), presente somente em bactérias e plantas, que faz parte do metabolismo desses seres na produção de aminoácidos aromáticos. O glifosato (produto ativo do herbicida Roundup também comercializado pela Monsanto) interfere com a função da EPSPS e como resultado, as plantas não conseguem produzir esses aminoácidos e morrem. O sistema RR então é um gene de EPSPS, isolado de uma bactéria, que é tolerante ao glifosato e que ao ser introduzido numa planta permite o uso de glifosato como herbicida deixando-a intacta. Como EPSPS já faz parte da cadeia alimentícia do ser humano, não se espera reações alérgicas contra as plantas RR.

No caso da soja, a Monsanto comparou níveis de nutrientes (proteínas, óleos, carboidratos) de seus transgênicos produzidos em dois anos com a soja convencional e “demonstrou a equivalência biológica” do produto. Com um bom gerenciamento no campo, a soja RR, tem se mostrado um produto viável da engenharia genética e dados, da Monsanto, sugerem que há redução no custo de produção dos grãos. Variabilidade genética da soja foi introduzida pela Monsanto, através das técnicas convencionais, para que haja várias cepas disponíveis no mercado. A meu ver porém, ainda há a necessidade de se comprovar de forma independente, com técnicas mais atuais e mais complexas, de que realmente há a equivalência biológica. Além disso, há de se aceitar que o sistema RR talvez não seja o mais apropriado para tratar de quem não tem solo adequado para plantar ou para quem não tem capital para utilizar herbicida.

O sistema Bt, baseia-se no uso de proteínas produzidas por uma bactéria presente e normalmente encontrada no solo e que é utilizada desde 1938 como inseticida; *Bacillus thuringiensis*. Essas toxinas (Cry, Vip, Cyt) são produzidas

durante o ciclo de vida da bactéria, precisam ser ativadas (o que normalmente só ocorre no intestino dos insetos dada a necessidade de enzimas digestivas e um pH alto) e só se tornam tóxicas ao se ligarem a proteínas receptoras (diferentes para cada toxina) presentes na parede celular dos insetos suscetíveis. Conseqüentemente, são altamente específicas e capazes de distinguir entre espécies relacionadas. A planta Bt então expressa um gene dessas toxinas (ativa contra a praga mais comum) por toda a planta, protegendo-a dos predadores suscetíveis. O milho contendo Cry9C (StarLink) que em 2000 chegou à mídia e aos tacos da Taco Bell, é um dos poucos produtos contendo proteínas de Bt que não são recomendadas ao consumo humano (a Cry9C é uma das poucas proteínas derivadas do Bt que têm potencial alergênico significativo) e desde o episódio foi removido do mercado. Além disso, apesar do consumo humano do StarLink, poucas pessoas alegaram ter reação contra o milho e desses processos nenhum sobreviveu à investigação científica.

Insetos resistentes podem surgir (em pouco menos de 70 anos de uso, três casos de resistência no campo foram descobertos) e isso limitaria o uso dessa tecnologia que ao menos possibilita o uso por produtores que têm problemas com pragas mas que têm pouco ou não têm capital para adquirir pesticidas.

Outros sistemas também estão sendo desenvolvidos, com menor valor comercial potencial, que poderiam ajudar o produtor em regiões áridas, contaminadas ou de solo cuja composição dificulta o plantio. Por exemplo, plantas que exportam citrato para solos ricos em alumínio possibilitando a planta adquirir fósforo do solo (que é sequestrado pelo alumínio presente); um dos nutrientes essenciais para seu crescimento.

Vitor Bernardes Pinheiro - Bioquímico - Universidade de Cambridge

ESPAÇO DO PESQUISADOR

Um Perfil Mineiro

É com grande prazer que envio um texto ao Espaço do Pesquisador, no Jornal da ABEP. Acompanhei e venho acompanhando a trajetória da ABEP, da qual fui fundadora no início da década de 80. Vivenciei muitas mudanças, de assembleias nos salões da ULU, na Malet Street a discussões via email. Uma especial vivência e iniciativa foi o estabelecimento de excelentes relações de cooperação com a Embaixada do Brasil em Londres, à época do Embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, cujos sucessores continuaram e fortaleceram tal relacionamento. E neste percurso, a ABEP cresceu, solidificou-se e tornou-se um grande e importante mecanismo de debates e de conquistas para a comunidade científica brasileira no Reino Unido.

Cheguei a Londres em 1979, para fazer o doutorado. Na ocasião, era Assessora Regional da CAPES, no DGE 27. Era também professora e pesquisadora na Universidade Estadual de Montes Claros, que ajudei a fundar, com o apoio do Darcy Ribeiro. Ao me licenciar para o doutorado, já tinha um convite acertado para deixar Minas e me fixar na CAPES, em Brasília. Havia estudado antes, a nível de

pós-graduação em Paris e em Madison/USA. A CAPES sugeriu fortemente que viesse para Londres, pois seria importante, para o meu futuro trabalho, ampliar a experiência de mundos acadêmicos distintos.

Muito antes de terminar o doutorado, iniciei atividades de cooperação acadêmica, sobretudo na área de educação, entre as universidades brasileiras e o Institute of Education da Universidade de Londres. E até hoje nunca parei. Ao terminar a minha tese (A autonomia e a liberdade acadêmica na universidade brasileira), fui indicada, pela CAPES e CNPq, em parceria com o Itamaraty e a Universidade de Londres, para a função de Brazilian Lektor no IoE. É uma atividade gratificante, pois tenho podido ser muito útil ao meu país. Na expressão de Clarice Linspector, no meu trabalho, sou uma mulher multi-ocupada, tomo conta do mundo, de muita gente, de muita coisa. Recebi no IoE uma grande parcela de ilustres educadores brasileiros; aqui vieram como mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos e professores visitantes. Ministros e Secretários de Educação do Brasil e da América do Sul aqui vêm discutir políticas educacionais

inovadoras. Muitos dos acadêmicos do IoE têm visitado o Brasil, para conferências, cursos e orientação de teses. Tudo isto, com o apoio incontestável da Embaixada do Brasil e do seu Setor Cultural.

Espero continuar este meu trabalho de 'facilitadora' de projetos, de pesquisas, de cursos de treinamento e de publicações por ainda algum tempo. Tenho testemunhado, com alegria, o impacto do treinamento intelectual de muitos colegas que passaram a ser referência nas suas áreas de especialização. Tenho acompanhado, feliz, carreiras que se iniciaram e se consolidaram, a partir da experiência acadêmica no IoE. Muitas vezes, levo meu apoio a colegas de áreas diversas. Ao mesmo tempo, continuo com minhas pesquisas e publicações, na área do ensino superior. É, algo extraordinário e gratificante, tenho encontrado excelentes pessoas, feito grandes amigos e enriquecido meu espaço intelectual, na Europa e na América do Sul. Fascinante!

[Maria C M de Figueiredo-Cowen, Brazilian Lektor no IoE](#)

DICAS ÚTEIS

PARA FALAR COM O BRASIL

Além da BT existem várias empresas que fornecem serviços telefônicos bem mais baratos e com a mesma qualidade. Abaixo, algumas sugestões de como ligar para o Brasil.

www.telediscount.co.uk

Para telefone fixo: 4p

Disque 0844 4 289289 + número no Brasil (incluindo código internacional)

Para telefone celular: 10p

Disque 0871 9 991 991 + número no Brasil (incluindo código internacional)

Dicas: Se você tem um contrato de telefone celular aqui no Reino Unido, você provavelmente tem direito a alguns minutos de ligações gratuitas. Usando o número 0844, sua ligação será incluída nos minutos gratuitos disponíveis. Cuidado: Isso não se aplica a todas as fornecedoras de telefonia celular.

www.just-dial.com

Fim de semana: 5p por minuto

Disque 0844 570 0000 + número no Brasil (incluindo código internacional)

Para telefone celular no Brasil: 15p por minuto

Disque 0905 306 00 + número no Brasil (incluindo código internacional)

Durante a semana: preço de uma ligação local (BT).

Disque 0870 794 0000 + número no Brasil (incluindo código internacional)

Dicas: Se você tem um contrato de telefone celular aqui no Reino Unido, disque o número 0870 do seu celular e a ligação será incluída nos seus minutos gratuitos disponíveis. Dependendo da empresa com a qual você tem o contrato do celular, isso se aplica também ao

número 0844. Confira com o seu fornecedor de telefonia celular antes de discar este número.

www.alphaeasy.com

Serviço semelhante aos serviços anteriores. Nenhuma informação disponível com relação a ligações de telefone celulares.

Brasil: 0871 224 1833.

Preço: 10p

SP/ RJ: 0844 848 1833.

Preço: 5p

www.alpha.co.uk

Serviço de telefonia através de registro ou através de cartões eletrônicos virtuais. Ligações para o Brasil custam 7p. Para SP, RJ e Belo Horizonte custam 5p.

www.mywebcalls.com

Serviço de telefonia via computador. Segundo alguns abepianos que tem experiência com este serviço, a qualidade das ligações não são excelentes porém, os preços compensam tal desvantagem. Ligações para o Brasil custam 0.035p. Para SP custa 0.016. Para o RJ custa 0.17.

REMESSA DE DINHEIRO PARA O BRASIL

Existe uma série de empresas, devidamente registradas junto ao "HM Customs & Excise", que prestam o serviço de remessa de dinheiro para o Brasil. Seguem alguns exemplos de empresas testadas e aprovadas por alguns dos membros da Abep.

Empresa	Taxa cobrada para o Envio	Telefone de Contato
LCC – Trans-sending	1ª remessa grátis. A cada 3 envios o 4º é gratuito. £3 por envio.	020 7839 6633 0800 019 5080
UNO Money Transfers	1ª remessa grátis. A cada 3 envios o 4º é gratuito. £3 por envio.	020 7313 8870 08000 72 45 90
Banco do Brasil	£ 10 para contas no BB £ 30 para contas em outros bancos	020 7606 7101

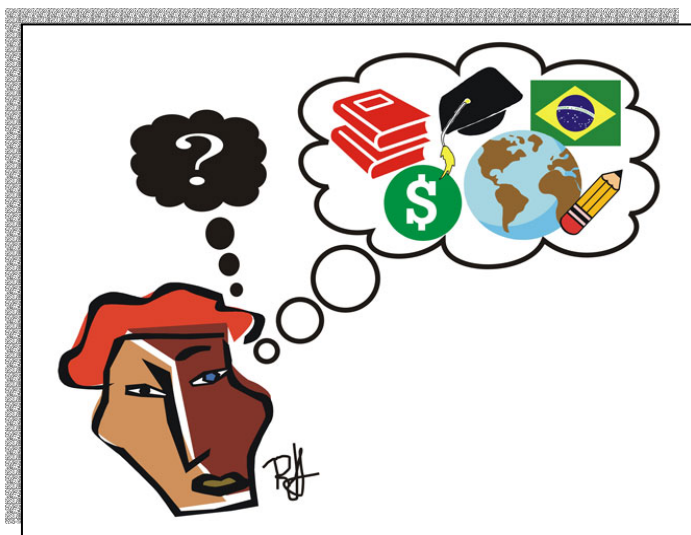
Os documentos necessários para o cadastro inicial junto a empresa são:

- Para quem envia: cópia do passaporte e comprovante de residência.

- Para quem recebe: dados bancários, número do CPF e telefone de contato.

Vale a pena observar a cotação em cada uma das empresas antes de efetuar o envio, pois a cotação sempre varia de uma empresa para outra. Geralmente a transferência é efetuada em 24 horas.

QUAL É A UNIVERSIDADE DOS SEUS SONHOS?



Talvez essa devesse ser uma das primeiras perguntas a serem feitas ao se pensar numa reforma universitária. O sonho, ou ideal, serve para dar o rumo. O caminho exato, as peculiaridades e limitações vêm depois. Antes de cairmos no mar desesperador da realidade, cheio de detalhes intrincados e complexidades devemos ter claro em mente de onde estamos vindo e para onde queremos ir.

A história universitária no Brasil é recente. Nossas mais antigas universidades tem pouco mais de 100 anos. Tradição não é o nosso forte e isto fica ainda mais patente por estarmos aqui no Reino Unido, lar de algumas das mais antigas e tradicionais universidades do mundo.

Como quase tudo ao que se refere ao Brasil do século XX, a criação e expansão do sistema universitário e de ensino superior foi um processo vertiginoso. Partimos praticamente do zero no início do século passado e daí criamos um sistema com universidades federais em todas as unidades da Federação, muitas universidades estaduais e mais recentemente uma explosão de instituições privadas. Não é um sistema desprezível, mas ainda possui um alcance pequeno em termos proporcionais à população do país, mesmo quando comparado com alguns de nossos vizinhos latino-americanos.

O desenvolvimento econômico-social e nossa crescente inserção global gera a ambição de termos uma universidade que sirva a um número maior de pessoas e que seja competitiva mundialmente. ESTE É O SONHO,

ou pelo menos parte dele para o Brasil: abrangência e excelência. Para isso o sistema universitário e de ensino superior precisa crescer e se qualificar. Este é um desafio colossal. Quando o país universalizou o ensino fundamental público o crescimento foi rápido e continental, mas a qualidade pagou o preço. Não queremos que isso se repita.

Como tornar o sonho realidade?

Agora sim iniciamos "to talk business", mas também é ai que "a porca torce o rabo". A natureza das instituições é variada, temos federais, estaduais, municipais, privadas filantrópicas e privadas capitalistas. Algumas produzem pesquisa de ponta, outras não tem uma biblioteca decente. Umam formam a elite pensante do país, outras vendem diplomas que não valem nada. O sistema é heterogêneo e complexo. A inércia, o apego ao *status quo*, corporativismos, mercantilismos e outros interesses alheios à realização "do sonho" também são muralhas enormes a serem rompidas. Mesmo que todos os envolvidos compartilhassem do mesmo ideal a tarefa não seria fácil, pois cada um tem sua própria bagagem de preconceitos e seu caminho preferido para se chegar "lá".

Estamos tendo uma oportunidade privilegiada de discutir e influir neste processo, a reforma universitária. Nossa contribuição pode ser muito importante. Somos egressos do sistema brasileiro, conhecemos suas virtudes e mazelas, conhecemos também uma outra realidade (de fora) e somos na maioria jovens na carreira, portanto quem viverá com a universidade resultante por mais tempo. Não podemos nos omitir ou vacilar. Para o bem do Brasil e o nosso próprio.

A ABEP corajosamente se propôs a redigir coletivamente um documento que contribua para a reforma universitária e está motivando outras associações similares pelo mundo a fazerem o mesmo. O processo está em curso e já é em si algo enriquecedor, pois a discussão está sendo bastante informativa. O resultado dependerá da participação coletiva e de nossa capacidade de propor, inovar, conciliar diferenças, pensar grande, sermos realistas, mas e no processo não nos esquecermos do "sonho".

[Antonio Guimarães é Pesquisador Associado na Universidade de Durham](#)

Equipe Editorial:

Iris Griffiths, Isabel Goncalves, Jailson B. Correia, Josirley F.C. Carvalho, Karla C.S. Schereder, Larissa Chermont e Rodrigo Firmino.

Sem você a ABEP não existe. FILIE-SE!
www.abep.org.uk/inscricao/inscr_abep.html

Informações fornecidas pela Denise Garcia e a Elaine Malosso sobre o transporte de bagagem por navio para o Brasil foram reunidas e se encontram em: www.abep.org.uk/faq.html. Veja lá informações que vão desde a escolha da empresa no Reino Unido até o desembarço no Brasil e ainda, documento que dispõe sobre o tratamento tributário e os procedimentos de controle aduaneiro.